

## DOMINGO XXVI DO TEMPO COMUM

### **CIC 1807: o homem justo distingue-se pela habitual rectidão com o próximo**

**1807** A *justiça* é a virtude moral que consiste na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido. A justiça para com Deus chama-se «virtude da religião». Para com os homens, a justiça leva a respeitar os direitos de cada qual e a estabelecer, nas relações humanas, a harmonia que promove a equidade em relação às pessoas e ao bem comum. O homem justo, tantas vezes evocado nos livros santos, distingue-se pela rectidão habitual dos seus pensamentos e da sua conduta para com o próximo. «Não cometerás injustiças nos julgamentos. Não favorecerás o pobre, nem serás complacente para com os poderosos. Julgarás o teu próximo com imparcialidade» (*Lv* 19, 15). «Senhores, dai aos vossos escravos o que é justo e equitativo, considerando que também vós tendes um Senhor no céu» (*Cl* 4, 1).

### **CIC 2842: só o Espírito Santo pode fazer nossos os sentimentos de Jesus**

**2842** Este «como» não é único no ensinamento de Jesus. «Sede perfeitos *como* o vosso Pai celeste é perfeito» (*Mt* 5, 48); «sede misericordiosos *como* o vosso Pai é misericordioso» (*Lc* 6, 36); «dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros *como* Eu vos amei» (*Jo* 13, 34). Observar o mandamento do Senhor é impossível, quando se trata de imitar, do exterior, o modelo divino. Trata-se duma participação vital, vinda «do fundo do coração», na santidade, na misericórdia e no amor do nosso Deus. Só o Espírito, que é «nossa vida» (*Gl* 5, 25), pode fazer «nossos» os mesmos sentimentos que existiram em Cristo Jesus<sup>1</sup>. Então, a unidade do perdão torna-se possível, «perdoando-nos mutuamente *como* Deus nos perdoou em Cristo» (*Ef* 4, 32).

### **CIC 1928-1930, 2425-2426: a obrigação da justiça social**

**1928** A sociedade garante a justiça social, quando realiza as condições que permitem às associações e aos indivíduos obterem o que lhes é devido, segundo a sua natureza e vocação. A justiça social está ligada ao bem comum e ao exercício da autoridade.

**1929** A justiça social só pode alcançar-se no respeito da dignidade transcendente do homem. A pessoa constitui o fim último da sociedade, que está ordenada para ela:

<sup>1</sup> Cf. *Fl* 2, 1.5.

A defesa e promoção da dignidade da pessoa humana «foram-nos confiadas pelo Criador, tarefa a que estão rigorosa e responsabilmente obrigados os homens e as mulheres em todas as conjunturas da história<sup>2</sup>.

- 1930** O respeito pela pessoa humana implica o dos direitos que dimanam da sua dignidade de criatura. Esses direitos são anteriores à sociedade e impõem-se-lhe. Estão na base da legitimidade moral de qualquer autoridade: desprezando-os ou recusando reconhecê-los na sua legislação positiva, uma sociedade atenta contra a sua própria legitimidade moral<sup>3</sup>. Faltando esse respeito, uma sociedade não tem outra solução, senão o recurso à força e à violência, para obter a obediência dos seus súbitos. É dever da Igreja trazer à memória dos homens de boa vontade aqueles direitos, e distingui-los das reivindicações abusivas ou falsas.
- 2425** A Igreja rejeitou as ideologias totalitárias e ateias, associadas, nos tempos modernos, ao «comunismo» ou ao «socialismo». Por outro lado, recusou, na prática do «capitalismo», o individualismo e o primado absoluto da lei do mercado sobre o trabalho humano<sup>4</sup>. Regular a economia só pela planificação centralizada perverte a base dos laços sociais; regulá-la só pela lei do mercado é faltar à justiça social, «porque há numerosas necessidades humanas que não podem ser satisfeitas pelo mercado»<sup>5</sup>. É necessário preconizar uma regulação racional do mercado e das iniciativas económicas, segundo uma justa hierarquia dos valores e tendo em vista o bem comum.
- 2426** O desenvolvimento das actividades económicas e o crescimento da produção destinam-se a ocorrer às necessidades dos seres humanos. A vida económica não visa somente multiplicar os bens produzidos e aumentar o lucro ou o poder; ordena-se, antes de mais, para o serviço das pessoas, do homem integral e de toda a comunidade humana. Conduzida segundo métodos próprios, a actividade económica deve exercer-se dentro dos limites da ordem moral e segundo as normas da justiça social, a fim de corresponder ao desígnio de Deus sobre o homem<sup>6</sup>.

#### **CIC 446-451: Cristo é Senhor**

- 446** Na tradução grega dos livros do Antigo Testamento, o nome inefável sob o qual Deus Se revelou a Moisés<sup>7</sup>, YHWH, é traduzido por «Kyrios» («Senhor»). *Senhor* torna-se, desde então, o nome mais habitual para designar a própria divindade do Deus de Israel. É neste sentido forte que o Novo Testamento utiliza o título de «Senhor», tanto para o Pai como também – e aí é que está a novidade – para Jesus, assim reconhecido como sendo Ele próprio Deus<sup>8</sup>.

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, Enc. *Sollicitudo rei socialis*, 47: AAS 80 (1988) 581.

<sup>3</sup> Cf. JOÃO XXIII, Enc. *Pacem in terris*, 61: AAS 55 (1963) 274.

<sup>4</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 10: AAS 83 (1991) 804-806; *Ibid.*, 13: AAS 83 (1991) 809-810; *Ibid.*, 44: AAS 83 (1991) 848-849.

<sup>5</sup> JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 34: AAS 83 (1991) 836.

<sup>6</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 64: AAS 58 (1966) 1086.

<sup>7</sup> Cf. *Ex* 3, 14.

<sup>8</sup> Cf. *1 Cor* 2, 8.

- 447** O próprio Jesus veladamente atribui a Si mesmo este título, quando discute com os fariseus sobre o sentido do Salmo 110<sup>9</sup>, e também, de modo explícito, ao dirigir-Se aos Apóstolos<sup>10</sup>. Ao longo de toda a vida pública, os seus gestos de domínio sobre a natureza, sobre as doenças, sobre os demónios, sobre a morte e o pecado, demonstravam a sua soberania divina.
- 448** Muitíssimas vezes, nos evangelhos, aparecem pessoas que se dirigem a Jesus chamando-lhe «Senhor». Este título exprime o respeito e a confiança dos que se aproximam de Jesus e d’Ele esperam socorro e cura<sup>11</sup>. Pronunciado sob a moção do Espírito Santo, exprime o reconhecimento do Mistério divino de Jesus<sup>12</sup>. No encontro com Jesus ressuscitado, transforma-se em adoração: «Meu Senhor e meu Deus» (*Jo* 20, 28). Assume então uma conotação de amor e afeição, que vai ficar como típica da tradição cristã: «É o Senhor!» (*Jo* 21, 7).
- 449** Ao atribuir a Jesus o título divino de Senhor, as primeiras confissões de fé da Igreja afirmam, desde o princípio<sup>13</sup>, que o poder, a honra e a glória, devidos a Deus Pai, também são devidos a Jesus<sup>14</sup>, porque Ele é «de condição divina» (*Fl* 2, 6) e o Pai manifestou esta soberania de Jesus ressuscitando-O de entre os mortos e exaltando-O na sua glória<sup>15</sup>.
- 450** Desde o princípio da história cristã, a afirmação do senhorio de Jesus sobre o mundo e sobre a história<sup>16</sup> significa também o reconhecimento de que o homem não deve submeter a sua liberdade pessoal, de modo absoluto, a nenhum poder terreno, mas somente a Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo: César não é o «Senhor»<sup>17</sup>. «A Igreja crê... que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontra no seu Senhor e Mestre»<sup>18</sup>.
- 451** A oração cristã é marcada pelo título de «Senhor», quer no convite à oração: «O Senhor esteja convosco», quer na conclusão da mesma: «Por nosso Senhor Jesus Cristo», quer ainda pelo grito cheio de confiança e de esperança: «Maran atha» («O Senhor vem!») ou «Marana tha» («Vem, Senhor!») (*1 Cor* 16, 22): «Amen, vem, Senhor Jesus!» (*Ap* 22, 20).

#### **CIC 2822-2827: “Seja feita a vossa vontade”**

- 2822** É vontade do nosso Pai «que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (*1 Tm* 2, 3-4). Ele «usa de paciência, não querendo que ninguém se perca» (*2 Pe* 3, 9)<sup>19</sup>. O seu mandamento, que resume todos os

<sup>9</sup> Cf. *Mt* 22, 41-46; cf. também *Act* 2, 34-36; *Heb* 1, 13.

<sup>10</sup> Cf. *Jo* 13, 13.

<sup>11</sup> Cf. *Mt* 8, 2; 14, 30; 15, 22; etc.

<sup>12</sup> Cf. *Lc* 1, 43; 2, 11.

<sup>13</sup> Cf. *Act* 2, 34-36.

<sup>14</sup> Cf. *Rm* 9, 5; *Tt* 2, 13; *Ap* 5, 13.

<sup>15</sup> Cf. *Rm* 10, 9; *1 Cor* 12, 3; *Fl* 2, 9-11.

<sup>16</sup> Cf. *Ap* 11, 15.

<sup>17</sup> Cf. *Mc* 12, 17; *Act* 5, 29.

<sup>18</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 10: AAS 58 (1966) 1033; cf. *ibid.*, 45: AAS 58 (1966) 1066.

<sup>19</sup> Cf. *Mt* 18, 14.

outros e nos diz toda a sua vontade, é que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou<sup>20</sup>.

**2823** Ele «manifestou-nos o mistério da sua vontade, segundo o beneplácito que nele de antemão estabeleceu [...]: instaurar todas as coisas em Cristo [...]. Foi n'Ele também que fomos escolhidos como sua herança, predestinados de acordo com o desígnio daquele que tudo opera de acordo com a decisão da sua vontade» (*Ef* 1, 9-11). Nós pedimos com empenho que este plano benevolente se realize por completo na terra, como já se cumpre no céu.

**2824** Foi em Cristo e pela sua vontade humana que a vontade do Pai se cumpriu perfeitamente e duma vez para sempre. Ao entrar neste mundo, Jesus disse: «Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade» (*Heb* 10, 7)<sup>21</sup>. Só Jesus pode dizer: «Faço sempre o que é do seu agrado» (*Jo* 8, 29). Na oração da sua agonia, Ele conforma-Se totalmente com esta vontade: «Não se faça a minha vontade, mas a tua» (*Lc* 22, 42)<sup>22</sup>. Eis por que Jesus «Se entregou pelos nossos pecados [...] consoante a vontade de Deus» (*Gl* 1, 4). «Em virtude dessa mesma vontade é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo » (*Heb* 10, 10).

**2825** Jesus, «apesar de ser Filho, aprendeu, por aquilo que sofreu, o que é obedecer» (*Heb* 5, 8). Com quanto mais razão nós, criaturas e pecadores, que n'Ele nos tornamos filhos de adopção! Nós pedimos ao nosso Pai que una a nossa vontade à do seu Filho para que se cumpra a vontade d'Ele, o seu plano de salvação para a vida do mundo. Somos radicalmente impotentes para tal, mas unidos a Jesus e com o poder do seu Espírito Santo, podemos entregar-Lhe a nossa vontade e decidir escolher o que o seu Filho sempre escolheu: fazer o que é do agrado do Pai<sup>23</sup>:

«Aderindo a Cristo, podemos tornar-nos um só espírito com Ele e assim cumprir a sua vontade; desse modo, ela será feita na terra como no céu»<sup>24</sup>.

«Considerai como Jesus Cristo nos ensina a ser humildes, fazendo-nos ver que a nossa virtude não depende só do nosso trabalho, mas da graça de Deus. Aqui, Ele ordena a todo o fiel que ora a fazê-lo de modo universal, por toda a terra. Porque não diz “seja feita a vossa vontade” em mim ou em vós, mas “em toda a terra”: para que dela seja banido o erro e nela reine a verdade, o vício seja destruído e a virtude refloresça, e para que a terra deixe de ser diferente do céu»<sup>25</sup>.

**2826** É pela oração que podemos discernir qual é a vontade de Deus<sup>26</sup> e obter perseverança para a cumprir<sup>27</sup>. Jesus ensina-nos que se entra no Reino dos céus, não por palavras, mas «fazendo a vontade do meu Pai que está nos céus» (*Mt* 7, 21).

<sup>20</sup> Cf. *Jo* 13, 34; *1 Jo* 3, 4; *Lc* 10, 25-37.

<sup>21</sup> Cf. *Sl* 40, 8-9.

<sup>22</sup> Cf. *Jo* 4, 34; 5, 30; 6, 38.

<sup>23</sup> Cf. *Jo* 8, 29.

<sup>24</sup> ORÍGENES, *De oratione*, 26, 3: GCS 3, 361 (PG 11, 501).

<sup>25</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaeum homilia* 19, 5: PG 57, 280.

<sup>26</sup> Cf. *Rm* 12, 2; *Ef* 5, 17.

<sup>27</sup> Cf. *Heb* 10, 36.

**2827** «Se alguém honrar a Deus e cumprir a sua vontade, Ele o atende» (Jo 9, 31)<sup>28</sup>. Tal é o poder da oração da Igreja feita em nome do seu Senhor, sobretudo na Eucaristia; ela é comunhão de intercessão com a santíssima Mãe de Deus<sup>29</sup> e com todos os santos que foram «agradáveis» ao Senhor por não terem querido senão a sua vontade:

«Podemos ainda, sem trair a verdade, traduzir estas palavras: “seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu” por estouras: na Igreja como em nosso Senhor Jesus Cristo; na esposa que Lhe foi desposada, como no esposo que cumpriu a vontade do Pai»<sup>30</sup>.

<sup>28</sup> Cf. *1 Jo* 5, 14.

<sup>29</sup> Cf. *Lc* 1, 38.49.

<sup>30</sup> SANTO AGOSTINHO, *De sermone Domini in monte*, 2, 6, 24: CCL 35, 113 (PL 34, 1279).